

Silvia M.S. CARVALHO*

LEROI-GOURHAN, André — *Les religions de la préhistoire-paléolithique*. 3 ed. Paris, P.U.F., 1970. 156 p.

Em *Les Religions de la Préhistoire*, Leroi-Gourhan procede a um exame muito criterioso das hipóteses que se tem levantado sobre os cultos religiosos do Paleolítico. O culto das ossadas, os chamados “culto do urso das cavernas” e “culto do crânio” são analisados com rigor científico, mostrando o autor a fragilidade das “evidências” em que se baseia a suposição de sua existência. Os círculos de ossadas que têm sido apontados como testemunhos de um culto poderiam ter sido, com mais probabilidade, meios de fixação de tendas, nos locais onde as pedras eram mais raras. O que tem sido apontado como “santuário com crânios de ursos” poderia muito bem ter sido uma caverna de hibernação dos ursos, com uma deposição natural das carcaças dos animais que iam morrendo. Mesmo que posteriormente ocupadas por grupos humanos (cujos passos fossilizados marcam o chão), essas cavernas realmente não provam que tenha havido um “culto ao urso”, e Leroi-Gourhan aponta para a imprudência de se concluir, por estudos comparativos com os “primitivos” de hoje (no caso, os Ainu do Japão, entre os quais realmente existe um culto ao urso), que a mesma cosmogô-

nia tenha dominado povos tão distantes no espaço e no tempo, como os do Paleolítico europeu. Além disso, o autor nos mostra que só um ou outro dos muitos maxilares e crânios humanos fossilizados pode atestar uma conservação intencional. Causas físico-químicas, na maioria das vezes, podem muito bem ser responsáveis pela conservação tão-só do crânio, com deterioração do resto do esqueleto.

Assim, as conclusões de Leroi-Gourhan quanto à determinação dos cultos religiosos no Paleolítico são extremamente céticas. Concepções religiosas são verossímeis, mas não há realmente possibilidade de se as comprovar ou reconstituir. O canibalismo religioso é provável, mas totalmente indemonstrável. O ocre usado nos ritos funerários deve ter sido associado ao sangue e à vida, mas, além disso, pouco pode ser dito...

A partir do Magdaleniano, contudo, diz-nos Leroi-Gourhan, existem condições para uma investigação científica do simbolismo do homem pré-histórico, apesar de só restarem, de todo o complexo simbólico, as pinturas de cavernas, de que o autor faz um levantamento em termos estatísticos, quanto à disposição das espé-

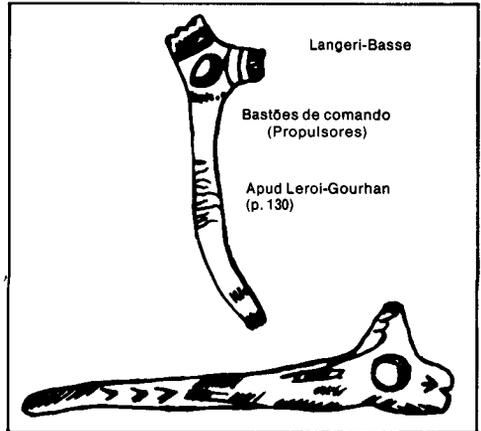
* Departamento de Ciências Sociais e Filosofia - Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação - UNESP - 14.800 - Araraquara - SP.

cies animais retratadas nos vários antros das cavernas, sua maior ou menor incidência, a oposição das espécies formando duplas, sua associação com signos masculinos e femininos, etc. A sistemática assim evidenciada mostra uma assimilação de certos animais - particularmente os cavalos, grupo "A" de Leroi-Gourhan - a signos masculinos, enquanto um outro grupo - de bovídeos, predominantemente bisões (grupo "B") é associado a símbolos femininos. Evidencia-se ainda uma distribuição mais periférica do grupo "A" em relação ao "B", tendo em vista o centro das cavernas. As principais oposições assim formadas pelas representações são: homem-mulher; cavalo-bisão; flecha-ferida; órgão sexual masculino-órgão sexual feminino.

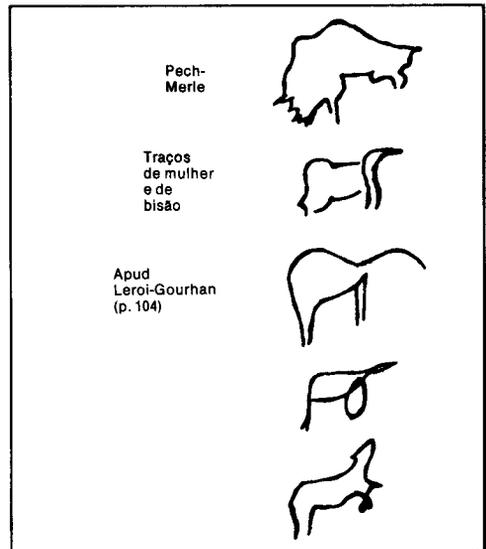
No corpo dos bisões e de outros animais de caça são assinaladas freqüentemente feridas com traços que podem ser permutados pela representação do órgão sexual feminino. Representações de flechas e falos, de homens são, também, em muitos desenhos, intercambiáveis.

Segundo o autor, os objetos comumente chamados "bastões de comando" não teriam sido, efetivamente, propulsores primitivos. Baseado na semelhança que com eles tem um utensílio esquimó que serve para remexer o fogo, Leroi-Gourhan admite que os bastões paleolíticos possam ter tido um caráter utilitário, não para arremessar projéteis, mas para "redresser à chaud les tiges découpées dans le bois de rennes". Seja como for, 16 entre 50 dos bastões chamados "de comando" têm o cabo faliforme, 30 o têm decorado com figurações do cavalo (grupo "A") e de outros animais que o autor reúne como constituindo os grupos "C" (cabrito montês, veado e cervo, mamute, rena) e "D", (urso, rinoceronte, felino, peixe); enquanto que apenas sete representações de bisões se localizam todas na

extremidade oposta, perfurada, do bastão. (Fig. 1)



Verdadeiramente surpreendente é a convergência que ocorre em Pech-Merle, da figuração estilizada da mulher com a do bisão (p. 104). Neste caso, detalhe que Leroi-Gourhan não ressaltou, mulher e bisão se sobrepõem em sentido inverso, de modo que a corcunda do bisão corresponde às nádegas da figura humana, o rabo ao alongamento em que termina a extremidade superior da mulher (pescoço-cabeça). Vide Fig. 2.



Esta disposição invertida mulher-bisão é como que confirmada pela localização nos “bastões de comando” tratados por Leroi-Gourhan, da representação da cabeça do bisão em torno do orifício, constituindo o “olho” da figura (na extremidade oposta à ponta faliforme ou com figuração do cavalo). Se o bisão é uma mulher às avessas (fator de crescimento vegetativo da espécie como fonte de alimento, ao passo que a mulher é responsável pela reprodução genética), a ferida produzida na caça é um órgão genital às avessas (este último sangrando naturalmente, enquanto na primeira a sangria é provocada pelo caçador, referindo-se portanto ao domínio da técnica, da cultura). Outras sugestões que essa representação convergente e invertida desperta prendem-se a questões como: Qual a técnica de caça ao bisão? Era ele caçado, à semelhança do que o toureiro faz com o touro, quando este pára, de cabeça baixa, furioso, pronto para investir? Assim sendo, há ainda uma coincidência aproximada, nos dois desenhos, do ponto de sangramento do bisão e da mulher... Pode-se lembrar ainda que existe uma hipótese de que, no Paleolítico, o ato sexual não teria sido face a face.

Talvez se pudesse estabelecer as mesmas inversões no caso do cavalo. Seria o cavalo um homem às avessas? Quanto à associação flecha-falo, não há necessidade de maiores explicações. Mas, para compreender a convergência homem-cavalo, quais as características do animal que teriam sido selecionadas? Sua agilidade? O costume de empinar quando irritado ou assustado, como o caçador que salta ao arremessar a lança (e ao contrário do bisão que abaixa a cabeça ao atacar...)? Ou o comportamento do cavalo selvagem em relação às fêmeas e filhotes? Segundo Rostand, quando os animais estão em liberdade, o cavalo vigia as éguas e corta-lhes o passo quando percebe que elas se afastam demais. Mais importante

ainda parece-nos uma observação de Saint-Hilaire que, em sua viagem ao Rio Grande do Sul, viu uma égua prenhe ser defendida por uma verdadeira cerca feita pelos corpos dos cavalos, quando ameaçada por uma onça. De qualquer forma, as oposições têm uma lógica que, até certo ponto, podemos decifrar.

Tendo em vista as considerações que nos suscita a leitura do livro de Leroi-Gourhan, podemos concluir, portanto, que, em suas linhas fundamentais, o simbolismo característico dos Desana (tão bem apresentado por Reichel-Dolmatoff) e de outros caçadores atuais, já caracterizava realmente uma humanidade primitiva: “matar e coabitar”, dizia o informante índio de Reichel-Dolmatoff.

Efetivamente, segundo Leroi-Gourhan (p. 139), em Malita, perto do lago Baical, na Sibéria, o pré-historiador russo Gerasinov exumou vários sítios de tendas, nas quais os utensílios masculinos e as figuras de aves, os utensílios femininos e as estatuetas de mulheres se encontravam separados de cada lado do habitat. É ao menos verossímil - diz o autor - que no Paleolítico superior na Europa, uma divisão do aparato (feminino-masculino) existia igualmente. As oposições detectadas por Leroi-Gourhan nas cavernas magdalenianas devem ter fundamentado, portanto, toda uma concepção do Universo.

Assim sendo, são as técnicas da caça, as funções e a divisão do trabalho entre os sexos (em oposição complementar) as características predatórias das relações dos homens com a natureza e a preocupação de restabelecer o equilíbrio dessas relações (para que o grupo e o próprio modo de produção pudessem se reproduzir) que, desde o Paleolítico, determinam a estruturação do universo simbólico e as respectivas oposições entre mundo animal e mundo humano - natureza e técnica - feminino e masculino.